

» LIVRO UM «  
A MAGIA  
DA RAPOSA

# CRAFT

INBALI ISERLES

Tradução  
Débora Isidoro

**ROCCO**  
JOVENS LEITORES

# 1



Minhas patas derraparam na terra seca. Corri até a cerca, deixando para trás um rastro de poeira. Para me esquivar, mudei de direção, depois corriji meu trajeto e mergulhei embaixo da madeira quebrada. Meu perseguidor se aproximava enquanto eu me agarrava ao matão, um emaranhado de folhagens. Senti o aroma intenso de aveleira e cedro, a quietude e a paz do mundo além da rede de grama alta.

O grito agudo rompeu o silêncio.

Em um surto de pânico, me espremi embaixo da cerca. Torrões de terra grudaram na minha barriga, me empurrando de volta. Meu coração latejava em meus ouvidos. Por um instante, a madeira morta me envolveu, me imobilizou contra o chão. A grama ria de mim, fazia cócegas em meus bigodes.

Com um movimento desesperado, me soltei, perdida no labirinto verde.

Flores brancas balançavam sobre o caule como lampejos de luz.

Prendi a respiração.

Um focinho pontudo apareceu embaixo da cerca, perfurando o ar. Os olhos cor de âmbar da raposa encontraram os meus, as fendas negras estreitadas. Eu me acalmei; estava segura: ele era grande demais para passar por baixo da cerca. Bateu na madeira e, grunhindo, enfiando a perna preta e fina no vão, arranhou a terra perto da minha pata.

Eu recuei, os olhos fixos na cerca. Ele não poderia passar por ali. Sabia disso; afastou-se, e a pata desapareceu do outro lado. Ouvi seus passos. Lampejos do pelo vermelho e manchado apareciam cada vez que ele passava pelo vão. E, de repente, ele sumiu, ficou quieto. Eu também fiquei quieta, farejando o ar.

Eu sentia a raposa. O formato do seu corpo. A cauda dourada e prateada. Imaginei a cor de seus olhos e senti o contato áspero dos pelos como se os tocasse. Por um instante, vi de relance o outro lado da cerca e senti o gosto da frustração que dominava sua boca.

Conhecia essa raposa como conhecia minha própria sombra.

Minha orelha girou. Uma ave gralhava em uma árvore próxima. Era grande, com penas pretas e brilhantes, e se calou quando me viu. Abaixou o bico, transferindo o peso de um pé para o outro num gesto nervoso. Depois,

arqueou as asas cintilantes como se invocasse nuvens de tempestade. Com um barulho raivoso, alçou voo.

A madeira rangeu e eu me virei, o coração pulando. Ele havia se jogado contra o vão! Passou por ele numa explosão de lascas de madeira. Meu estômago se comprimiu e eu corri, atravessando a grama alta. Olhei para trás e o vi por um instante, quando se agachou no chão.

A raposa desapareceu como uma centelha diante dos meus olhos.

O ar deixado em seu lugar tinha um brilho tênue, como luz atravessando asas de abelhas. O solo era um borrão de grama e terra.

Eu conhecia seus truques, e pisquei várias vezes capturando um movimento do pelo. Contornei um toco de árvore no meio da grama. Quando olhei para trás de novo, ele se mostrava completamente, pulando sobre o toco feito uma nuvem vermelha. Sua respiração quase tocava a minha.

Mas eu tinha meus truques.

Abri a boca e gralhei como a ave de penas brilhantes. Projetei a voz em direção às folhas retorcidas da grama alta, para a cerca e a terra, e para as nuvens que se formavam nas beiradas do céu, imitando a criatura da melhor maneira possível.

Corria em zigue-zague pela grama que se enroscava em minhas patas, puxando e acenando, me obrigando a ir mais devagar. Desisti. O gralhar – aquilo não enganaria ninguém.

Olhei para trás mais uma vez. Ele agora estava perigosamente perto, o focinho em meus calcanhares.

– Pirie! – gritei quando ele pulou em mim e suas garras roçaram minha cauda. Eu devia saber que imitar a ave não o faria parar. Virei-me para encará-lo e mostrei-lhe os dentes. – Chega!

Os olhos dele capturaram a luz.

– Não enquanto você não implorar misericórdia!

Voltei a correr, mas, com um salto final, ele bateu com as patas nas minhas costas e me jogou no chão. Tentei escapar, mas ele era mais forte que eu.

– Misericórdia! – arfou ele. – Implore!

– Nunca! – rebati.

Ele aproximou o focinho da minha orelha.

– Fala! Fala, ou vai se arrepender!

– Vou me arrepender por quê?

– Por isso! – Ele caiu em cima de mim e cobriu meu rosto de lambidas, passando pelas orelhas, o focinho, os bigodes.

Eu rosnei e lambi meu irmão de volta, fazendo cócegas em sua barriga até ele ganir e virar o corpo para o lado, rolando no chão enquanto eu subia em suas costas.

– Viu? Não tenho motivo para me arrepender! Você pode ser maior que eu, mas eu sou mais esperta. E eu *sempre* ganho!

Ele aceitou meu ataque de mordidinhas.

– Eu sempre deixo você ganhar – arfou. – Sei que é uma péssima perdedora.

– Vai sonhando. – Eu me apoiei nas patas e sacudi o pelo.

Pirie olhou para mim com a cabeça inclinada.

– Tudo bem, raposinha – provocou, fazendo uma série de ruídos estridentes e repetidos. – Raposa louca, raposa boboca, só mais uma raposa morta!

Era uma coisa que sempre falávamos juntos, apesar de vovó dizer que isso a deixava com os pelos eriçados.

– Não sou tão menor que você! – exclamei.

Ele pulou, se virou e voltou ao lugar com um animado *uou, uou, uou*.

– Raposinha, raposinha, você sempre vai ser a raposinha!

Tentei surpreendê-lo com um pulo, mas ele se esquivou.

– E você vai ser sempre meu irmão bobo – funguei.

Pirie pulou em cima de mim e pressionou o focinho branco em minha nuca. A brincadeira havia acabado. Eu já não resistia mais. Fechei os olhos e deixei o calor de seu corpo invadir o meu. Sentia sua pulsação na minha mandíbula. Meus batimentos se juntaram aos dele. Funcionávamos no mesmo *tum-tum, tum-tum*, agora mais lento, *tuum-tum, tuum-tum*.

Papai apareceu do meio da vegetação mais alta.

– Espero que estejam brincando direitinho, raposinhas.

Mamãe surgiu ao lado dele.

– Direitinho? – Seus olhos brilharam.

Corremos para os dois, arfando e fazendo barulhinhos de satisfação quando eles lamberam nossas orelhas.

– Nós *sempre* fazemos tudo direitinho – latiu Pirie e olhou para mim por um instante.

Mamãe parecia pronta para argumentar, mas vovó se aproximou de nós. Como Pirie, tinha o pelo manchado de prata, ruivo e dourado, e as manchas cintilavam com a luz. Seus olhos eram observadores, e ela parecia distraída quando corremos ao seu encontro.

– E os sem-pelo? – Papai a encarava procurando indicações.

Olhamos por cima da grama alta. O matão era estreito, pouco mais que uma faixa de verde entre territórios cinzentos, salpicado com algumas árvores jovens.

Os sem-pelo de duas patas raramente entravam ali, mas estavam sempre por perto, acuando, andando de um lado para o outro, marcando o tempo de sua vida barulhenta. O Grande Grunhido era o mundo deles, proibido para jovens raposas: uma terra dura de prédios altos e esmagadores de olhos que nunca piscavam. Raptos espreitavam quando o sol nascia, os sem-pelo com varetas cercando raposas que nunca mais eram vistas.

Vovó desviou o olhar.

– Não foi nada. – Ela abaixou o focinho e tocou o nosso. – Vocês têm brincadeiras muito brutas. Pirie, você é maior que Isla. Espero que não se esqueça disso.

– Ela é dura feito pele seca de rato – bufou Pirie, me empurrando de brincadeira.

Vovó balançou o focinho.

– Mesmo assim...

– Eu sei me defender – protestei. – Raposa louca, raposa boboca...

– Pare com isso – rosnou vovó. – O Grunhido é perigoso. Não deviam brincar desse jeito.

Pirie reagiu rápido e amenizou a tensão.

– Isla me confundiu com aquela imitação de pássaro – contou à vovó.

Ela inclinou a cabeça para me observar com mais atenção.

– Estava imitando um corvo?

Minha cauda bateu na terra coberta de grama. Estava mais interessada no que Pirie disse.

– Funcionou, mesmo?

Pirie se animou.

– Não pensei que fosse você. Vinha de todos os lugares e de lugar nenhum. Foi... – Uma orelha preta caiu para trás. – Foi como se o vento estivesse chamando, e a terra, e a grama. Já não sabia onde a ave estava! Só entendi que era você quando o barulho parou.

Levantei a cabeça e olhei para ele. Ele estava debochando?

– Mas eu não te enganei... – Minha voz era um ganido e minhas orelhas estavam baixas.

– Você devia ter continuado. Está ficando boa nisso, raposinha! – Ele cutucou meu ombro com o focinho, e eu o mordi de leve.

– Vocês dois têm bons instintos – reconheceu vovó com um leve tom de orgulho. Ela levantou o focinho, e seu rosto ficou imóvel. Os olhos não piscavam, e um tre-



mor tenso dos bigodes foi o único movimento do corpo. – O vento está ficando mais forte – murmurou. – E vem misturado com rio e gelo. A chuva vai chegar com o raiar do dia.

– Mas o ar está quente! – protestei.

Papai se aproximou, as orelhas se movendo e apontando para os lados.

– Que lição simples pode salvar a vida de uma raposa?

Pirie e eu respondemos juntos:

– Observar! Esperar! Ouvir!

A tensão desapareceu do rosto de vovó, e ela olhou para nós com carinho.

– Isso mesmo, raposinhas. Observar, esperar, ouvir. As respostas estão escritas na canção do céu e no ritmo da terra. – E levantou a cabeça para farejar outra vez.

Eu a imitei, inalando a fragrância de grama e terra. Não sentia umidade, só o ar morno do sol intenso. As nuvens que se moviam pelo céu eram brancas. Pisquei olhando para elas, lembrando que vovó ensinou que apenas as escuras traziam chuva. Ela deve ter visto a confusão em meu rosto, porque lambeu meu focinho como se quisesse me tranquilizar.

Papai se aproximou de nós.

– Temos que mudar a caça de lugar. Enterramos em uma vala rasa. A chuva vai estragar tudo.

Papai e mamãe se afastaram em direção à cerca. Vovó os seguiu, lançando para o céu um olhar rápido e ansioso. Eles eram muito grandes para passar pelo vão embaixo da cerca, onde a madeira havia quebrado – mesmo depois de

Pirie ter aumentado o tamanho do buraco. Continuaram andando pela margem do matão até o fim da cerca, onde havia uma árvore com um galho baixo que nos servia de ponte. Pirie sabia da existência daquela árvore, assim como eu – muitas vezes nós passamos pelo galho. Mas ele nunca usava a passagem em nossas brincadeiras de perseguição. Brincar tem regras, e nós dois sabíamos disso.

– Venham – chamou mamãe.

Eu não queria ir. Havia uma doçura no ar. Seriam frutinhas escondidas no emaranhado da grama? Lambi meu focinho.

Pirie estava ocupado com um graveto, rolando-o pela grama e roendo uma ponta como se fosse um osso.

Sentei-me e abaixei as orelhas.

– Acabamos de chegar ao matão!

Papai chamou sem olhar para trás.

– A gente volta depois. Pirie? Isla?

Pirie abandonou o graveto e foi atrás deles.

Eu me levantei. Farejei mais intensamente e tive certeza de que havia frutinhas por ali. Se eu pegasse algumas e as levasse para a toca, eles ficariam satisfeitos. E, se fosse rápida, chegaria lá antes deles – mamãe, papai e vovó ainda precisavam mudar a caça de lugar.

Agachada, deslizando entre os caules altos de grama, segui meu faro. Estremeci de prazer, absorvendo o aroma de terra e casca de árvore, o cheiro ácido das folhas e dos insetos em suas conchas amargas. Parei para colher umas flores brancas e miúdas, que sempre eram mais bonitas do que gostosas. Um grande besouro-verde rastejava pela

terra, e bati nele animada, arrancando grama com as garras. O besouro era mais rápido do que parecia. Correu para a base de uma árvore onde seria difícil alcançá-lo, se esgueirando por entre raízes salientes. Colei meu focinho ao solo, lati e rosnei, mas, em vez de pegar o besouro, só consegui encher a boca de terra. *Esqueça o besouro!*, falei para mim mesma, e me concentrei outra vez nas frutinhas. Farejei e cavei pelo matão, mas o aroma doce havia desaparecido. O ar agora era mais frio, e eu me lembrei de vovó avisando que ia chover...

Avisando de uma brisa misturada a rio e gelo.

Olhei para o céu. A escuridão se espalhava, saindo de trás dos prédios cinzentos. O sol se punha, deixando um rastro de luz vermelha. Virei-me para a cerca e me senti culpada. Mamãe e papai ficariam preocupados comigo. Eu não tinha permissão para andar sozinha pelo matão – não podia nem sair do nosso território sem Pirie.

Voltei para perto da cerca e passei por baixo dela.

Nosso território ficava do outro lado. Era um espaço que dividíamos com os sem-pelo, embora tomássemos o cuidado de evitá-lo quando eles estavam por lá. Assim como nós, do lado deles era apenas uma família: dois adultos e dois filhotes. Papai avisou que eles não seriam amigáveis, que se voltariam contra nós se chegássemos muito perto.

E nós nos mantínhamos longe.

Nossa toca ficava afastada da deles, atrás de um grupo de árvores não muito distante da cerca. Segui em frente virando cambalhotas, pensando no esconderijo. Mamãe,

papai e vovó já deviam ter desenterrado os ratos suculentos que caçaram na noite passada. Minha barriga roncou e eu andei mais depressa.

Senti um cheiro amargo. Vi raios de luz vermelha no meio da escuridão da toca. Farejei uma fumaça brotando em colunas lentas, turva contra os últimos raios de sol.

Um arrepio de medo percorreu minha espinha.

*Onde estava minha família?*

Eu não os sentia.

Dei mais um passo. Havia movimento na toca. Meu peito descontraíu e eu corri, superando o momento de confusão. Mas parei de novo, e foi como se o sangue deixasse meu corpo.

As coisas que se moviam ali... eu sabia que não eram eles. Não era minha família.

Recuei e me escondi no meio da hera que subia pela cerca, não muito longe do buraco aberto para o matão. A toca era uma trincheira no tronco de uma árvore, escondida entre galhos caídos. Era difícil ver o que acontecia lá dentro. Eu só conseguia identificar a silhueta de raposas desconhecidas, cinco ou seis, se movendo por ali e cavando, uivando umas para as outras. O que estavam fazendo? A terra fumegante não queimava suas patas? Tentei me encolher ainda mais atrás da hera, prendendo a respiração ao vê-las sair uma a uma de nossa toca.

Do lado de fora, elas andavam pela grama com o focinho baixo, as orelhas em pé. Foram recebidas por uma raposa mais robusta que se aproximava da entrada, a cauda enrolada de um lado do corpo. De onde eu estava,

conseguia ver as orelhas curtas e arredondadas e a silhueta pesada. O pelo formava tufo nos ombros, parecendo abundantes. Ela bateu com uma pata dianteira na terra. As orelhas giraram, e as outras raposas olharam para ela.

Um grunhido brotou da garganta da raposa. Um olho cinzento varreu nosso território. Onde devia estar o outro olho, não havia nada – só um buraco cavado na escuridão.

Não consegui controlar o tremor nas pernas, nem o ácido que dominava minha garganta e me impedia de respirar.

– Morte! – Sua voz era um sibilo, e as outras raposas ficaram tensas. – O Mestre falou. Todos os traidores morrerão!

As raposas se apoiaram nas patas traseiras, prontas para lutar. Mas quem estava lá para desafiá-las?

Onde estava minha corajosa mamãe? Onde estavam os dentes protetores de papai? Pensei em meu irmão e na minha sábia e velha vovó. *Para onde foi minha família?*

A raposa líder retraiu os lábios para mostrar os dentes serrilhados.

Eu me encolhi contra a cerca e gani baixinho. Um som sufocado, feito o bater de asas de uma borboletinha.

Mas a raposa parou.

Virou a cabeça.

Seu olho cinzento brilhava ameaçador. Ele vagou pela hera e parou em mim.